

Gente de PALAVRA

revista n° 40

2016
Ano do Sol
de Oxalá
e
Yemanjá



Ano
de luz
de amor,
de paz
e poesia

Adão Wons Adélia Einsfeldt Adilson Roberto Gonçalves Aline Patrícia Avelino Ferraz Alysson Lobato Anderson Valfré Antonio Cabral Filho Antonio Miotto Arnault L. Dias Auber Fioravante Júnior Benette Bacellar Bernadete Saidelles Bruno Borin Boccia CFBB Conceição Hyppolito Dinivaldo Gilioli Edison Gil Edweine Loureiro Elsa Camargo Francisco Ferreira Guilherme Ferreira Aniceto Hero Jaime de Andruart Jeanine Will Júlio B. Lenilson Oliveira Lilian Rose Marques da Rocha Luís Cláudio Delvan Luiz Otávio Oliani Magaiver Wellington Maria da Glória Jesus de Oliveira Mario Rezende Mauro Andrade Moura Michelle Wisbowski Quitéria Olímpia Rafael Cabral Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri Silvana F. Pereira Tatiana Alves

2015 foi um tempo de muita luta e algumas vitórias importantes. Concluímos a publicação da *Coleção Caderno de Poemas*, projeto que teve o financiamento do FUMPROARTE – Fundo Municipal de Produção Artística e Cultural de Porto Alegre, com os livros de Benette Bacellar, Cristina Martim Branco e Júlio Alves; ampliamos nossa área de atuação com o Núcleo SP multiplicando-se em dois, o Paulistano, comandado por Davi Kinski e Rubens Jardim e o ABC, coordenado

por Eri Barros além de realizarmos o primeiro Sarau

Gente de Palavra

Transoceânico, em Coimbra, Portugal,

uma iniciativa de Michelle Buss.

Em Porto Alegre, além de continuar

com o sarau e a revista, o grupo

gerenciado por Michelle Hernandes e

Renato de Mattos Motta, consolidou o trabalho que

já havia começado na E. M. E. F. Porto

Alegre – EPA (escola totalmente dedicada a pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social), onde vêm sendo realizadas oficinas de poesia e,

junto ao Núcleo de Trabalho Educativo da instituição, começamos a

lançar a *Série Palavra da Rua* com livros dos poetas Adrian’dos Delima, Mario Pirata e

Renato de Mattos Motta elaborados com capas feitas a mão em papel artesanal

produzido na escola e montadas pelos

alunos, coleção que continuará em 2016 com novos autores e o acréscimo de uma revista com poemas e contos escritos pelos próprios alunos.

2016 começa cheio de bons augúrios, tanto pela astrologia quanto pelas religiões afro-brasileiras.

Comandado pelo Sol, astro que irradia luz e calor, o ano favorecerá a vida e as realizações. Tudo tende a se iluminar, sendo preciso cuidar com uma certa tendência ao orgulho, à arrogância e ao egoísmo.

Já de acordo com as religiões

afro-brasileiras, o ano

será regido por Oxalá

com auxílio de

Yemanjá. Oxalá é o

orixá criador do

mundo, da paz,

aquele que a todos

abençoa, sincretizado

com Jesus

Cristo; Yemanjá é

a Senhora das Águas,

o princípio

materno, a amorosidade,

associada a N. Sr^a.

dos Navegantes ou a N. Sr^a. da

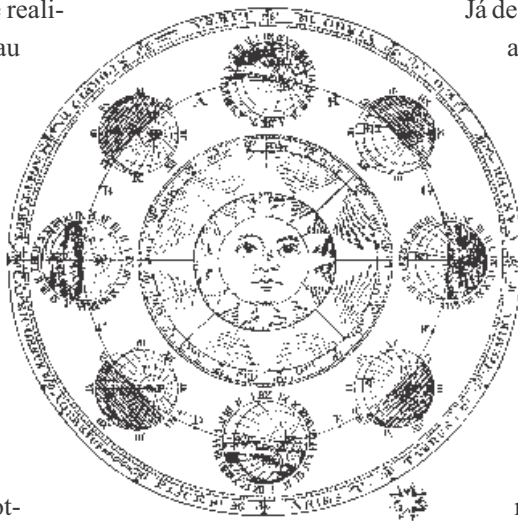
Conceição.

Um ano regido pela luz, pelo amor, pelo talento e pelo calor, em que a arte e a poesia possam se fazer ouvir!

Queremos acreditar que 2016 será melhor que aqueles que o antecederam, um ano em

que não só os poetas, mas também os políticos e lideranças valorizem e se

esforcem em ser Gente de Palavra.



RMM

Tardanças

chego montada no dorso amarelo do atraso
longe, teu suspiro vermelho na praia

eu gostava do piano-forte solitário na casa
do maço de flores secas que um dia foi meu

agora dou com estas paredes inchadas de silêncio
enquanto a pausa da chuva ressoa sobre um velho vinil

Jeanine Will

São Paulo – SP

<http://caminhaodemudanca.blogspot.com.br/>



Marias do dia-dia

Tem Maria que se chama Ana
Tem Maria que se chama Beatriz
Tem Maria que se chama Maria
Maria Rosa, Maria Flor de Lis

Toda mulher tem um pouco de Maria
Maria Madalena, Maria Padilha
Toda mulher tem um pouco de Maria
Se não é no nome é na alma que anuncia

Magaiver Welington

Mostardas – RS

magaiver.welington89@hotmail.com

02



Amargo Rio Doce

Rio acima desovo-me
fluido fujo da foz
evitando aMAR.
Águas mortas
em linhas tortas
sólidos liquefazem no ar.
(Partículas em suspeição).

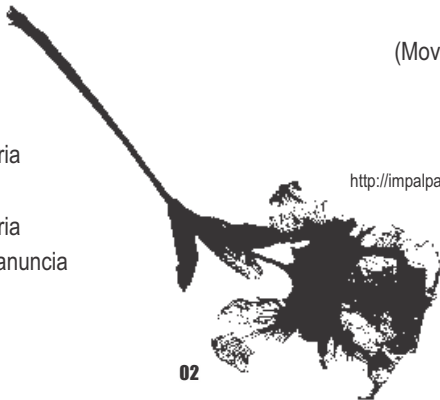
Rio suspeito
em meu leito
de sublevação.
Peixe fátuo, fresco, frito
água furtada, fonte afilida
torrente de monção.
(Água turva insurreta).

Pousa em graça
pouso de graça
bicos longilíneos, des-caminhar.
Correnteza, cabeceira
leito seco, peito seco, corre seco
a caminho do aMAR.
(Movem-me moinhos, aguarrás).

Francisco Ferreira

Conceição do Mato Dentro – MG

<http://impalpavelpoeiradaspalvras.blogspot.com.br/>





Michelle Wisbowski
Santo André – SP



perdida no deserto
intocada e quente, sente
depois do beijo, o hálito acelera
[o peito

cactos expostos, águas invisíveis
entre fortes ventos turbulentos
fere-se e cria tempestade de areia

ao final da tarde
o pássaro bate asas em despedida
a poeira devagar acalma

vem suave o sopro mágico
leva a dor embora

nos braços das nuvens frescas
agora descansa

nada mais faz que o sangue agite
agora, nessa hora

Benette Bacellar
Porto Alegre – RS

ReVersos

Re-versos arremessam uni-versos
Noite de abscessos excessos
Encontros desvelos e achegos
Encharca-se à noite da lua grande
Transpondo expondo
Volúveis estrelas cadentes
Gritando barulhos
Calando silêncios
Madrugadas adentro.

Adão Wons
Cotiporã – RS

A lição de Prometeu

No estalar mágico que se ouve
As sombras que se avultam
Em seu bruxuleio, despertam
Os receios a atacar de monte.

Mesmo sem os nomes conhecer,
Como se em áureos ondulantes,
Os maneirismos tortos e flamejantes
Propagam o impenitente adoecer.

O que foi um pequeno presente
Transfigurou tudo, tão de repente
O Titã, não por correntes punido,
Mas por seu consternar pungido.

Ao portar o clangor da aclamada luz
Não exultou o abismo nem aos deuses
Ofendeu ofertando amenizar os frios meses
Toldados pela neve a jazer a nova Cruz.

Inevitável foi o maldoso interpretar a conduzir
As novas ações, a tudo conhecido destruir
E, destituído de sua polaridade, o tempo,
Efêmero, não pôde mais por flama se traduzir.

Sob o véu gris, agasalharam-se os frutos,
Não do Flamívomo, presente de Prometeu,
Mas de seus grilhões, brindando os lutos
De ser, dos Ardis mitológicos, o maior Fariseu.

Bruno Borin Boccia
São Paulo – SP
www.manoroftales.blogspot.com

Trocadilho

peço prazo
ganho prosa

não como, coma
se nado, nada

sem pena
quero apenas
amar
ao mar

Adilson Roberto Gonçalves
Campinas – SP
priadi@uol.com.br

Vaticínio

Quando nasci, um anjo torto
E, de quebra, feminista,
Mais torto até que os demais,
Selou de vez minha sina:
Taxou-me de encenqueira
E me passou a bandeira
Da desdobrável Adélia.
Depois, olhou-me nos olhos,
Sentou-se ali do meu lado,
Chorou como faz um homem forte
Sentenciando o meu fado:
Vão te chamar de histérica,
Barraqueira, *feminazi*,
Mas tua mente é aberta,
Feminista, kamikaze
E, ainda por cima, poeta!

Tatiana Alves
Rio de Janeiro – RJ
tatiana.alves.rj@gmail.com



A alma no muro

O artista pintou no muro sua poesia
Todos passavam e ninguém percebia
A dor escondida naqueles traços de alegria
Cores quentes de uma alma fria

Hero

Aparecida – SP

www.facebook.com/washington.correiodrigues

Desejo

Escrevo para exorcizar a fome
que se cumpre
por (tanto) desejo de justiça feita
a cada história recontada
com final feliz
para não morrer da mesma fome
que nos alimenta
que nos define
que nos define
a cada dia vivido no mundo
da vida real
com todas suas guerras
de poder
de riqueza
de ter sempre e muito mais
do que ser
– Falta prato cheio para alimentar
tamanha fome
de tanta gente
Para encher os olhos, as bocas,
barrigas e mentes!

Conceição Hypolito

Porto Alegre – RS

Terra Vida

no bulício do vento
não existem folhas vestidas de líquidos
jazem no chão quente
cores côncavas de silêncio

nas margens

uso tudo de mim
sem sentir a grandeza do pensamento
supero toda a tristeza
contornando o efeito da tempestade

nos sonhos

sou a floresta de um verbo
que quer ser a semente
do bulício do vento

sou gente do mar do tempo
sagrado momento
ser feliz agora e sempre
no chão quente da terra vida

CFBB

Alcochete – Portugal

Casulo

Pequenos seres
no escuro esconderijo
tecem

fios de seda
deslizam no corpo
transparece delicada
gueixa

resvalam farfalham
entre os dedos

sussurram vaidade
sensualidade
à flor da pele.

Adélia Einsfeldt

Porto Alegre – RS.

adeliaeinsfeldt@yahoo.com.br



Ampulheta

Enquanto a lua aponta
por uma esbranquiçada estrada
alguém passeia.

São...

Vinte e uma horas

Vinte e um minutos

Vinte e um segundos

Décimos

Centésimos

Milésimos

De segundos

De versos

Partidos ao vento.

Enquanto a lua aponta
alguém estrela...

Auber Fioravante Júnior

auberjunior1962@gmail.com

Porto Alegre – RS



Os senhores do templo

Enquanto olho para essas esculturas antes tão amigas

Estão me cercando onde moro e vivo

Não sei ao certo se me esperam ou se só avisam

A vinda talvez de um arauto

Que proclama a chegada do tempo oportuno

O momento da dança está se encerrando

A batalha já se finda.

E talvez, assim como essas esculturas

Em formas de aves, ovos, em cima de pilares, de castelos,

Eu me torne algo inerte, colorido e, talvez, amigo

Que só avista ou avisa

A dança dos vencedores

Que ainda lutam por uma batalha que já foi perdida.

Vencedores esses que já alcançaram o ponto de serem juizes.

As leis do outro lado já não fazem sentido.

Percebo então que a noite vem para isso:

Desconstruir tudo aquilo que um dia já foi esquecido.

Não sei se passo por esse julgamento.

A espera torna-se tão grande e o tempo, um inimigo.

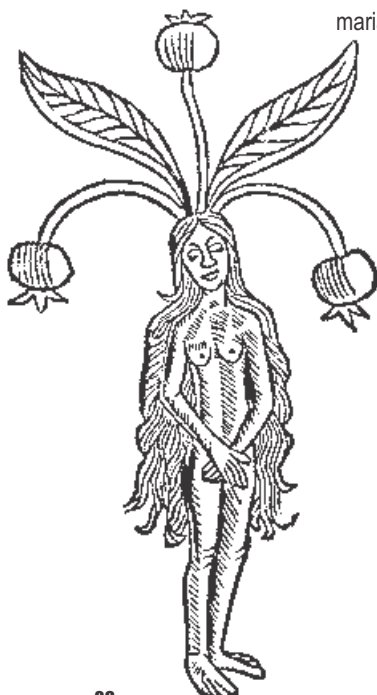
Que só os sonhos para alimentarem a alma

De um guerreiro que já se dá por vencido.

Quitéria Olímpia

Arcoverde – PE

mariavitoriaasd@hotmail.com



Ampla mente

amar-te
assim na terra
como em marte

Dinovaldo Gilioli

Florianópolis/SC

dinogilioli@yahoo.com.br



Elegia à loucura

Ensinava sobre Amor
mais do que Religião:
aos templos, um Disparate;
ao cetro, Rebelião.

Pois, ao citar a Igualdade
a que todo homem faz jus,
foi levado por soldados
e pregado numa cruz.

Edweine Loureiro
Saitama – Japão
edweine.loureiro@gmail.com

Amantes da simplicidade

Simples cidade
Entre o começo e fim da frase
Quem se encontra?
Quem sabe?
A frase mostra o verso.
O verso dispersa o vice-versa.
Ao reverso,
Me perco na frase
E vago...
Perdido, rogo ao acaso,
Clamo versos ao vento.
Vagam no ar palavras do verso.
Espalhe-se,
Acerte em cheio
Na mente de quem
Simplesmente
Não te enxerga,
Rebata em quem não te sente,
Esbarre nos que te aversam.
Gruda na mente,
Palavra sábia,
Dos que te detestam!

Alysson Lobato
Lavras – MG
www.aquelequele.blogspot.com.br

Frente e verso

Hei de chorar
Quando a vida
Tirar-me o ar,
Quando estiver
Partida
Minha alma...
E quando eu quiser
Superar,
Não seguirei
Em frente.
Não é em frente
Que a vida anda,
É em verso.

Guilherme Ferreira Aniceto
Itajubá – MG
guilhermefaniceto@gmail.com

Os preenchimentos dos tempos

Preencho com vento
ou só com pensamento
o que estiver por dentro
no momento.

Pode ser até cimento,
uma porção de coentro,
de vez em quando lamentos,
um pouco dos tormentos,
mas meu temperamento
não é de desalento,
não gasto meus tentos
com todo monstro que enfrento,
guardo-os pros meus intentos
que são fora daqui cem por cento;
são outra coisa, outros quinhentos,
aqui, apenas preencho o tempo,
com vento,
versos, pensamentos.
Vamos ver até quando aguento.
Por enquanto, me sustento
e não esquento
apenas tento
e me sustento.
Os vazios eu afugento
com qualquer tipo de preenchimento.

Júlio B.
Belo Horizonte – MG
juliob612@gmail.com

Ori

amanhece segunda-feira
e peço licença a
Exu
e com Axé
te chamo encruzilhada.

Antonio Miotto
São Paulo – SP



A face do espanto

ninguém
poderá salvar-me
de mim mesmo

do contato
com este reservatório
de espasmos & espantos

zona de sombra
onde a razão não ilumina

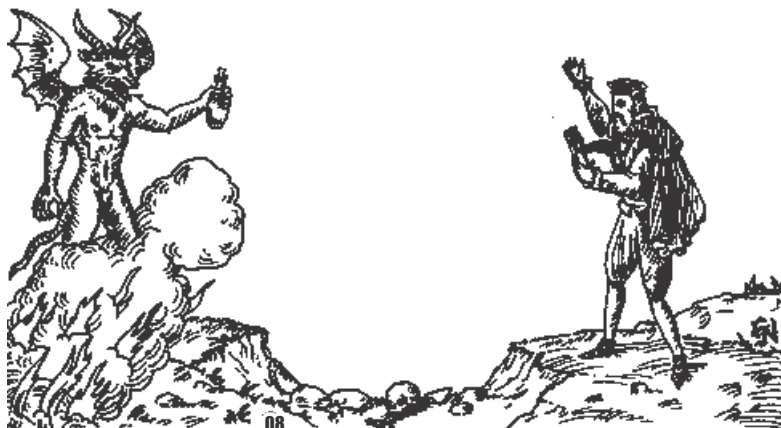
meu caminho
com seus aromas & espinhos
é sozinho

apesar do mundo
que me abraça

indiferente

sou consciente
este fardo é comigo.

Ricardo Mainieri
Porto Alegre - RS



Siluetas

Mi mano intenta rozar las hojas lejanas
De aquel árbol huérfano,
Pero se desdibujan en el aire
Con mi aliento ensordecido

El olor a trigo consumido en el fuego
De la hora en que nace el ocaso
Los ecos inocentes
Que susurran al oído mi nombre
Retumban en mi piel
Vientre de la descendencia

Sabor a cacao
Que me arranca y devuelve la vida en un sorbo
El canto de las cigarras llora la tierra olvidada

Aquella ventana de hierro escolta mis secretos
Antes desde sus entrañas
Ahora desde la mirada desconocida...
...Ese siempre ha sido y será el lugar;
Donde pierden la vida mis sueños.

Elsa Camargo
Colombia

Do escriba tecnológico

na antiga Babilôna
à era digital
as mãos do escriba
percorrem papiros
penas
pergaminhos

da alta tecnologia
às teclas do lap-top
o poeta não se cansa de escrever

Luiz Otávio Oliani
Rio de Janeiro – RJ

Canção de olhar o céu

ouve mais o coração bater
que o neblinar
sobre o guarda-chuva

alma só,
solidão cinzenta,
céu chumbo cinza
e (longe cada vez mais)
a fina reta traçada a jato
frio maior que o tempo

amanhã talvez o azul
ouse aquecer sua alma
e o céu traga de longe
o calor de sua cama

Renato de Mattos Motta
Porto Alegre – RS



Ideia

Mudo de ideia
como quem muda de roupa
até encontrar uma
que me caia bem

Bernadete Saidelles
Porto Alegre – RS

Redondo Vocábulo

Passei ontem a oíçar
Redondo Vocábulo,
apreciando a obra do Zeca
na voz do Janita.

Passei a noite
a cantarolar Redondo Vocábulo,
me achando um Janita,
um Zeca.

Virei a noite para o dia
pensando em quão graciosa
ficou esta poesia
na melódica voz do Janita
e eu tentando imitá-lo.

Passei a madrugada sonhando
com Redondo Vocábulo.
Cantarolando/sonhado
Redondo Vocábulo.

Acordei bem cedinho,
imagina o que assobiava?
Sim, era Redondo Vocábulo,
ao tom do arranjo do Janita.

Pensava, penso.
E lá está Redondo Vocábulo!

Mauro Andrade Moura
Itabira – MG
mauroandrademoura@gmail.com



Um copo de mar

O silêncio, por tantas as palavras,
é isso que chega-me do que minguia,
no atropelo, que a todas trava
sem poder dizer de uma vez a língua.

Incapacidade, sólida, atroz,
da expressão ante a idéia cheia,
é a constatação de que no após,
era maior o fogo que a ateia...

Do que já havia em polifonia,
em um soar de incontáveis vozes,
só expresso o solo, sem harmonia,
nas palavras, uma a uma, em doses.

Sei que minha poesia é tão pobre...
Um copo apenas de um largo rio,
feito o troar de um sino de cobre
se esforçando a cantar no vazio.

Como posso então soar em coral
as múltiplas vozes dos sentimentos?
Não posso. Mas posso um copo, uma nau...
Flutuar o mar, levado em seus ventos.

Arnault L. Dias
Praia Grande – SP
aldias01@gmail.com

Reticências

Quando transpirar poesia
Liberte as palavras da alma
Deixe-as voar como o passarinho
Solto pela criança viva em você
Que tudo poetiza

Escreva bobagens
Se declare, se enleve
Se revolte, se revele
Se reserve nas reticências
Mas sempre poetize

Se faltarem as palavras
Deixe que as emoções falem
Elas nunca falham
Rabisque à vontade
Porque poetizar é preciso

Lenilson Oliveira

Cajazeiras – PB

[facebook.com/lenilsonoliveiracz](https://www.facebook.com/lenilsonoliveiracz)

A flor do teu corpo

A flor do teu corpo
que me encheu de prazer
na loucura da paixão
e que anda por aqui,
enfeitando os meus sonhos,
assanhando a minha imaginação,
da minha parte que te completa
como mulher, pedaço de mim.
Mesmo que não te preencha a todo instante,
me satisfaz saber ser seu bem querer.

Mario Rezende

Rio de Janeiro – RJ

<http://mariorezende.blogspot.com.br/>

Lixão de Gramacho

Bate em meu peito um “lixão de Gramacho”,
Exposto à visitação tão bem pública
Que vem admirar o próprio esculacho
Para aprender a viver em república.

Mas adentra como quem faz devassa
E vai pisando assim à revelia
Tudo que reina feliz onde passa
Sufocando a pouca vida que havia.

Tânatos expirando sob escombros,
Eros pintando céus todos de chamas,
Lábios perambulando por um beijo,

Mas encontram aí peitos sem ombros
Nesse tumulto de emoções sem camas
Em que rolam gemidos e arquejos.

Antonio Cabral Filho

Rio de Janeiro - RJ

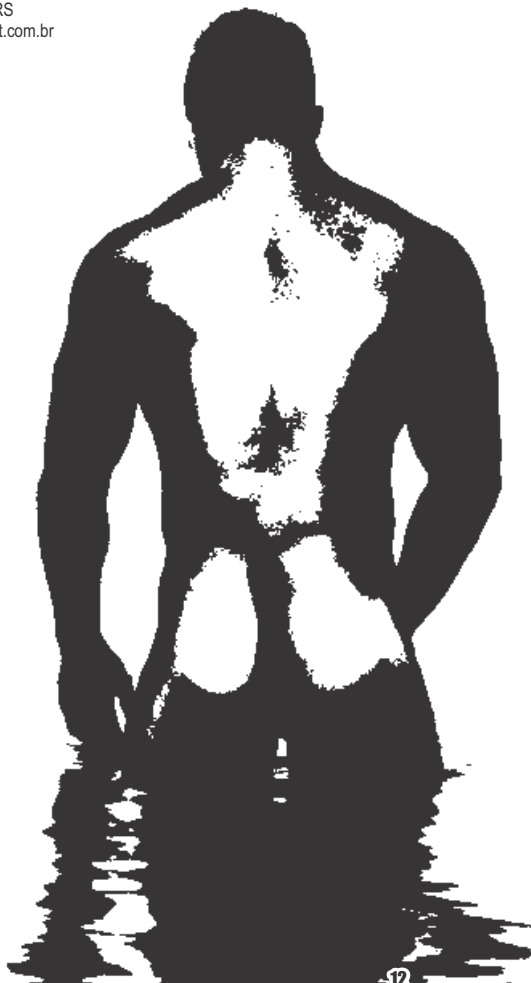


Serenidade

Há paz, na manhã recém nascida
Sou companheira para admirá-la.
Serena e descomprometida
Traz o sol para contemplá-la.
Sento-me sob a amoreira
Escuto a algaravia das aves
Lembrando-me que a vida inteira
Fui abolindo os entraves.
Balanço-me ao sabor do vento
Tamborilando canção suave
Apenas no intento
De aguardar minha nave.

Maria da Glória Jesus de Oliveira

Porto Alegre – RS
madaglor@ibest.com.br



Transcendência

Muitos morrem todos os dias
Outros transcendem a existência
Vão posar ao lado dos mitos
A leveza da pena desliza no papel
Encontra palavras que se encaixam em versos
Depois soam em cantos
Traduzindo as vozes dos deuses
Mesmo sendo mortais
Desafiam os normais
tornam-se eternos, fraternos
Mostram o universo da aldeia
Renascem a cada dia
Vão e tornam a voltar
A eternidade é um passo
Para o primordial, o genial
O normal.

Luís Cláudio Delvan

Esteio – RS
delvan@covo.net

Narciso

No lago, azul espelho disfarçado,
De águas límpidas como a poesia,
Um mancebo se banha ao meio-dia
E apenas pelos céus é contemplado.

Decide se vestir e sai a nado
Rumando para fora da água fria,
Mas ao sair... fatal melancolia:
Depara-se ao reflexo contornado.

Frágil como o bebê no mundo insano
E ainda nu (assim é o ser humano)
Deixa-se carregar pela água pura...

Não é como uma flor, não é, ó Deus;
Não é belo o Narciso, deuses meus!
Narciso é a apoteose da feiúra!

Jaime de Andruart

Porto Alegre – RS

<https://www.facebook.com/jaimedeandruart>

Resiliência

O dinheiro anda escasso
o trabalho desaparecendo
a comida encarecendo
a vida no descompasso

A política um fracasso
a televisão entretendo
a ilusão corroendo
e o que dizer do congresso?

O povo mesmo lasso
sem as forças e mal comendo
aguenta firme vai se mantendo
com a cabeça no alto

mantém o passo.

Silvana F. Pereira

Porto Alegre – RS

<http://poesign.blogspot.com.br/>

Cansaço

Calo
Respiro
Transpiro
No bafo quente
Das calçadas
Da cidade.
Respingo
Cansaço
Nas sarjetas
Repletas de corpos
Suados
Marginalizados
Do dia a dia.

Lilian Rose Marques da Rocha

Porto Alegre – RS

lilian24@terra.com.br

Respaldo

O moço, do outro lado da rua, anda devagarinho;

Eu quase corro!

À tarde, o moço passa do outro lado da rua, bem devagarinho.

Engraçado, eu sempre correndo e ele sempre lento

com os olhos voltados ao céu e eu ao chão, ao compromisso.

O moço lá se vai, bem devagarinho, olhar, no vento, os passarinhos.

Anderson Valfré

Ouro Preto – MG. 28/10/15)

anderson-valfre@hotmail.com



Se

Se cada verso
que eu rimasse com amor,
curasse a ira alheia,
não haveria mais terror.

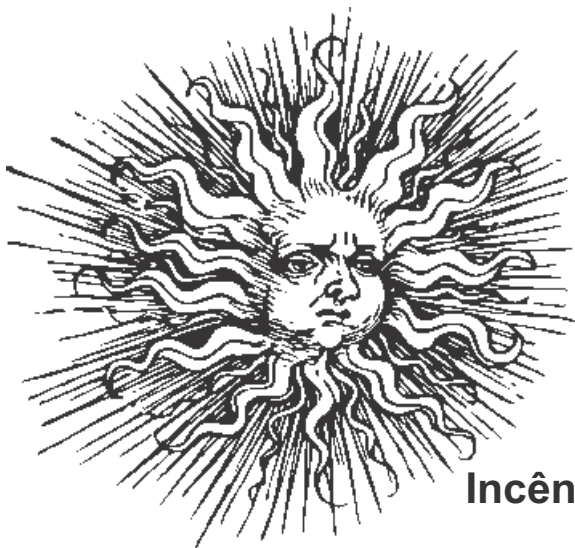
Se a paixão
entretivesse com o calor
e queimasse o ódio insano,
não haveria mais pavor.

Se a verdade
fosse escrita com teor,
sentiria o gosto azedo
que doma o seu sabor.

Se poema colorido
suavizasse com a sua cor,
no outro dia não doía
aquela antiga e velha dor.

Se poeta apaixonado
revela-se espinho ao invés de flor
perfeito seria o apego,
e não haveria um só doutor.

Edison Gil
Sorocaba – SP
<http://fb.com/siredisongil>



Incêndio

Quantos anos foram precisos
Para que os meses virassem dias?
E quanta agonia foi vista
Por quem a vista perdia?

Foi o senso mostrando a cara
E o tempo dizendo: pára!
Porque as notas ecoavam
E o grave sentido se calava.

Eu fingia esquecer a dor
E sucumbia ao sublime.
Vi que o amor apenas incide
Em nos incendiar.

Rafael Cabral

Recife – PE
rafael_cabral.godoy@hotmail.com

Caos

Nos cacos de que somos feitos,
cá entre os nós de gente,
a menina perguntou se poderia
[ficar no mundo dos sonhos.
Todos os dias.

Aline Patrícia Avelino Ferraz

Ribeirão Pires – SP
indialineferraz@hotmail.com





Esta edição:
100 exemplares.

Revisão:
Michelle Gonçalves Hernandes

Projeto gráfico e diagramação:
Renato de Mattos Motta

Redação:
Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Diego Petrarca, Erivoneide Barros e Michelle Buss

Conselheira Especial para Língua Espanhola:
Lota Moncada

Porto Alegre, janeiro 2016.

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com